

POSFÁCIO

PAULO FREIRE, TECENDO O AMANHÃ

ESSE LIVRO É RESULTADO de um esforço comum entre duas entidades –CLACSO e IPF– e um conjunto de educadoras e educadores que buscaram aprofundar a compreensão da leitura da obra de Paulo Freire. Como dizia ele, a escrita é o complemento da leitura. Por isso, o leitor deste livro teve a oportunidade de tomar conhecimento do que foi discutido e produzido nesse curso por professores e por alunos e alunas, num diálogo intertranscultural, possibilitado pela Internet.

Para mim, as melhores passagens das obras lidas de Paulo Freire são as que ele escreveu sobre o *sonho* e a *utopia*. Paulo Freire era um educador voltado para o futuro. Por isso, o melhor título que eu poderia dar a esse posfácio, no final deste livro, lembrando os dez anos de sua morte, só poderia ser este: “Paulo Freire, tecendo o amanhã”. A leitura de Paulo Freire deveria começar sempre por essa porta de entrada de sua obra. Por isso, nesta mensagem final gostaria de recordar algumas passagens onde ele fala do amanhã sendo tecido pelo sonho e pela utopia.

–Como ele define a utopia?

–No livro *O educador: vida e morte*, organizado por Carlos Rodrigues Brandão (1982), há um artigo de Paulo Freire intitulado “Educação: o sonho possível”, no qual ele define utopia. Ele afirma o seguinte:

O sonho viável exige de mim pensar diariamente a minha prática; exige de mim a descoberta, a descoberta constante dos limites da minha própria prática, que significa perceber e demarcar a existência do que eu chamo espaços livres a serem preenchidos. O sonho possível tem a ver com os limites destes espaços e esses limites são históricos [...] A questão do sonho possível tem a ver exatamente com a educação libertadora, não com a educação domesticadora. A questão dos sonhos possíveis, repito, tem a ver com a educação libertadora enquanto prática utópica. Mas não utópica no sentido do irrealizável; não utópica no sentido de quem discursa sobre o impossível, sobre os sonhos impossíveis. Utópico no sentido de que é esta uma prática que vive a unidade dialética, dinâmica, entre a denúncia e o anúncio, entre a denúncia de uma sociedade injusta e espoliadora e o anúncio do sonho possível de uma sociedade que pelo menos seja menos espoliadora, do ponto de vista das grandes massas populares que estão constituindo as classes sociais dominadas.

Em todos os seus livros Paulo Freire nos fala alguma coisa sobre utopia e sonho. No livro *Pedagogia da tolerância* (2005) ele nos diz que o sonho dele é uma “sociedade menos feia, um sociedade em que seja possível amar e ser amado”. Ele retoma o tema sempre acrescentando alguma idéia nova. No mesmo livro ele nos diz que “não é possível sonhar e realizar o sonho se não se comunga este sonho com as outras pessoas”.

No seu livro *Pedagogia da indignação* (2000) ele tem algumas dessas passagens belíssimas que precisamos retomar:

A desproblematização do futuro, numa compreensão mecanicista da história, de direita ou de esquerda, leva necessariamente à morte ou à negação autoritária do sonho, da utopia, da esperança.

Sem sonho e sem utopia, sem denúncia e sem anúncio, só resta o treinamento técnico a que a educação é reduzida.

O sonho de um mundo melhor nasce das entranhas do seu contrário. Por isso corremos o risco de tanto idealizarmos o mundo melhor, desgarrando-nos do nosso concreto, quanto de, demasiado “aderidos” ao mundo concreto, submergirmos no imobilismo fatalista.

Paulo nos fala ainda, nesse livro, de um *pensamento profético* como um pensamento utópico, um pensamento que “anuncia um mundo melhor”

sem a soberba e a arrogância de quem pretende determinar a história. Ao contrário, o pensamento profético implica:

A denúncia de como estamos vivendo e o anúncio de como poderíamos viver. É um pensamento esperançoso [...] Falando de como está sendo a realidade, denunciando-a, anuncia um mundo melhor [...] na real profecia, o futuro não é inexorável, é problemático [...] Contra qualquer tipo de fatalismo, o discurso profético insiste no direito que tem o ser humano de comparecer à História não apenas como seu objeto, mas também como sujeito.

Lembro ainda de umas passagens do seu livro *Política e educação* (2001) onde ele nos fala que não existe uma prática educativa neutra, descomprometida, apolítica. Por isso, ela é sempre diretiva.

A diretividade da prática educativa que a faz transbordar sempre de si mesma e perseguir um certo fim, um sonho, uma utopia, não permite sua neutralidade [...]

Não pode haver caminho mais ético, mais verdadeiramente democrático do que testemunhar aos educandos como pensamos, as razões por que pensamos desta ou daquela forma, os nossos sonhos, os sonhos por que brigamos, mas, ao mesmo tempo, dando-lhes provas concretas, irrefutáveis, de que respeitamos suas opções em oposição às nossas [...]

Em história se faz o que se pode e não o que se gostaria de fazer. E uma das grandes tarefas políticas a ser cumprida se acha na perseguição constante de tornar possível amanhã o impossível de hoje somente quando, às vezes, se faz possível viabilizar alguns impossíveis de agora.

Como pudemos verificar neste curso, a força da obra de Paulo Freire não está só na sua teoria do conhecimento, mas em ter insistido na idéia de que é possível, urgente e necessário mudar a ordem das coisas. Ele não só convenceu tantas pessoas em tantas partes do mundo pelas suas teorias e práticas, mas também porque despertava nelas a capacidade de sonhar com uma realidade mais humana, menos feia e mais justa. Como legado ele nos deixou a utopia.

Moacir Gadotti
Diretor do Instituto Paulo Freire, São Paulo

Se terminó de imprimir en el mes de enero de 2008
en los talleres de Gráficas y Servicios SRL
Sta María del Buen Aire 347 (1277)
Primera edición, 1.500 ejemplares

Impreso en Argentina